

AGRICULTURA SC

EDIÇÃO Nº 79 | JUNHO DE 2020



Fechamento autorizado,
pode ser aberto pela ECT.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUXILIA OLERICULTORES EM SANTA CATARINA

Páginas 12 a 15

CORONAVÍRUS

Contribuição Sindical Rural 2020 é prorrogada para setembro

Página 3

INFLAÇÃO

Aumento dos custos de produção eleva preço dos alimentos

Páginas 4 e 5

AÇÃO SOLIDÁRIA

Sistema FAESC/SENAR distribui 10 mil máscaras para produtores rurais

Páginas 10 e 11

EDUCAÇÃO

Rede e-Tec inicia aulas virtuais em todo o Estado

Páginas 16 e 17

O PRODUTOR RURAL E A AGROINDÚSTRIA

José Zeferino Pedrozo - Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de SC (FAESC) e do Conselho de Administração do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/SC)



A epidemia do novo coronavírus que assola o Brasil afetou amplos setores da atividade humana e desorganizou importantes segmentos da economia. Empresas e famílias ficaram devastadas por perdas de ordem pessoal ou material. Um dos setores que, a todo custo, precisa continuar em operação é o de alimentos. Se faltar alimentos no País, nesse estágio da pandemia, o que está crítico ficará caótico.

Dois atores trabalham tenaz e obstinadamente para garantir a produção de alimentos nos gigantescos volumes que o Brasil e o mundo necessitam: os produtores rurais no campo e as indústrias de processamento da matéria-prima vegetal e animal, nas cidades. Os primeiros produzem grãos, frutas, hortigranjeiros, leite e carne que as agroindústrias processam e/ou industrializam e geram produtos acabados para consumo final.

Duas longas cadeias produtivas brasileiras ganharam notoriedade mundial nas últimas décadas pela sua complexidade: a avicultura industrial e a suinocultura industrial. Elas são paradigmas do uso de tecnologia nas fases de campo e de indústria.

Essas duas cadeias trabalham no sistema de integração, uma parceria que

há 60 anos une criadores de frangos e de suínos com as agroindústrias em território brasileiro. A indústria fornece os principais insumos e o produtor participa com mão de obra e os recursos de sua propriedade. O sistema de integração levou bem-estar às famílias rurais e transferiu tecnologia aos criadores. O produtor rural repassa às empresas/agroindústrias os seus produtos na condição de matéria-prima a ser processada e transformada no produto final. Graças a ela fortaleceu-se a economia dos municípios e fixou-se a família rural no campo, amenizando o êxodo rural.

Para evitar a disseminação do coronavírus são adotados rígidos protocolos de produção no campo e nas fábricas. Os tradicionalmente rígidos procedimentos das indústrias de processamento de carne ficaram ainda mais rigorosos: medição de temperatura, uso de botas, paramentos especiais, jalecos, máscaras, toucas, luvas, desinfecção de pés e mãos, distanciamento social etc. são rotinas do cotidiano desses trabalhadores.

Apesar de deter um elevado nível de segurança sanitária na produção rural e industrial, os frigoríficos entraram injustamente na mira de críticas, fake news e uma campanha de desinformação de

pessoas mal-intencionadas ou que desconhecem a dimensão e a complexidade desse setor da indústria de alimentos.

O perigo é que, embalado nesse clima, alguns frigoríficos podem ter atividades paralisadas. Essa hipótese é assustadora, porque pode significar a perda de milhares de empregos, a falência de toda uma cadeia produtiva com milhares de produtores rurais e – o que é muito grave – a necessidade de sacrifício sanitário de milhões de aves e milhares de suínos. Isso, sem mencionar a decorrente escassez de alimentos no mercado nacional. É imprescindível sublinhar que a indústria da carne vem garantindo extraordinários superávits na balança comercial.

Devemos trabalhar para evitar esse quadro. Os produtores rurais precisam da indústria e a indústria não produz sem os criadores de aves e suínos etc. Se os frigoríficos paralisarem, os produtores ficarão em situação delicada. O que precisamos agora é permitir que os produtores e as agroindústrias produzam dentro das condições ideais em que já trabalham, sem exigências descabidas ou ameaças constantes. Esses dois atores precisam continuar em ação para assegurar o abastecimento do Brasil.

AGRICULTURA SC

R. Delminda Silveira, 200 - Agrônoma, Florianópolis - SC, 88025-500 - Fone (48) 3331-9700
FAESC: facebook.com/FAECSantaCatarina | SENAR/SC: facebook.com/SENARSC | www.SENAR.com.br

DIRETORIA DA FAESC 2015/2019: Presidente: José Zeferino Pedrozo, 1º vice-presidente: Enori Barbieri, 2º vice-presidente: Milton Graciano Peron, 1º vice-presidente de secretaria: João Francisco de Mattos, 2º vice-presidente de secretaria: João Romário Carvalho, 1º vice-presidente de finanças: Antônio Marcos Pagani de Souza, 2º vice-presidente de finanças: José Antônio de Pieri. **VICE-PRESIDENTES REGIONAIS:** Adelar Maximiliano Zimmer (Extremo-Oeste), Américo do Nascimento (Oeste), Wilson Antônio Verona (Meio Oeste), Mauro Kazmierczak (Planalto Norte), Lindolfo Hoepers (Vale do Itajaí) Márcio Cicero Neves Pamplona (Planalto Serrano) e Villibaldo Michels (Sul). **CONSELHO FISCAL EFETIVO:** Fernando Sérgio Rosar, Gilmar Antônio Zanluchi e Donato Favarin. **CONSELHO FISCAL SUPLENTE:** Nilton Goedert, Fabrício Luiz Stefaní e Dionício Scharf. **CONSELHO ADMINISTRATIVO DO SENAR/SC:** Presidente do Conselho Administrativo – Gestão 2015/2018: José Zeferino Pedrozo. **CONSELHEIROS:** Walter Dresch (Titular), Luis Sartor (Suplente). **Representantes:** Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (FETAESC) | Marcos Antônio Zordan (Titular), Neivo Luiz Panho (Suplente). | **Representantes:** Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (OCESC) | Ricardo de Gouvêa (Titular), Cinthya Monica da Silva Zanuzzi (Suplente).

Representantes: Agroindústria | Daniel Klüppel Carrara (Titular), Adilcio Pedro Pazetto (Suplente). **Representantes:** SENAR Administração Central. **CONSELHO FISCAL:** Rita Marisa Alves (Titular), Pedro Cavalheiro de Almeida (Suplente) | **Representantes:** SENAR Administração Central | Tatiane Mecabó Cupello (Titular), Gilberto Modesto da Silva (Suplente) | **Representantes:** Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (FAESC) | Joãozinho Althoff (Titular), Acir Veiga (Suplente) **Representantes:** Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (Fetaesc). **DIRETORIA:** Superintendente: Gilmar Antônio Zanluchi

MB Comunicação: Jornalista Responsável: Marcos Antônio Bedin (Reg. Jornalista profissional MTB SC 0085-JP). Edição: Keli Magri. Redação: Marcos Antônio Bedin, Alessandra Cristina Favretto, Keli Magri, Lisiane Kerbes, Marciane Paz.

Diagramação / Impressão: COAN Indústria Gráfica
Tiragem: 5.500 exemplares.



CONTRIBUIÇÃO SINDICAL RURAL 2020: PAGAMENTO É PRORROGADO PARA SETEMBRO

Produtores rurais, empresários e empregadores do setor poderão efetuar o pagamento das guias de recolhimento da Contribuição Sindical Rural Pessoa Física e Jurídica até o dia 21 de setembro deste ano. A medida atende decisão da CNA que prorrogou o prazo para a contribuição 2020 por 120 dias. O recolhimento era feito anualmente até maio, porém, neste ano, a Diretoria Executiva da CNA decidiu em caráter extraordinário conceder mais prazo para o vencimento, em virtude das dificuldades impostas pela pandemia do novo coronavírus.

O pagamento poderá ser efetuado por produtores que possuam imóvel com ou sem empregados, ou empreendem na atividade econômica rural. A cobrança é efetuada conforme o Decreto de Lei 1.166/71, nos

artigos 578 a 591 da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). As guias são emitidas com base nas informações prestadas pelos contribuintes nas Declarações do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR), repassadas à CNA pela Secretaria da Receita Federal do Brasil (SRFB).

O presidente da FAESC, José Zeferino Pedrozo, afirma que a prorrogação do vencimento neste ano é importante e representa um ato de sensibilidade com a situação vivida pelos produtores em todo o Estado. “Nossos produtores não deixaram de produzir e estão enfrentando duas crises, a sanitária e a estiagem. Esticar o prazo foi uma decisão sensata e fundamental para o momento”, declara.

Pedrozo orienta os produtores a procurarem o Sindicato Rural da

sua região e a conhecerem as ações desenvolvidas pelo Sistema Sindical, representado pelos sindicatos, Faesc e CNA. Segundo ele, a contribuição é essencial para a defesa dos direitos, das reivindicações e dos interesses dos produtores rurais, independentemente do tamanho dos estabelecimentos ou do ramo de atividade.

Em caso de perda, de extravio ou de não recebimento da guia de recolhimento, o contribuinte poderá solicitar à Faesc a emissão da 2ª via. O pedido deve ser feito até cinco dias úteis antes da data do vencimento. Os produtores rurais podem optar pela emissão por meio do site da CNA (www.cnabrazil.org.br). Outras dúvidas podem ser esclarecidas pelo e-mail cna@cna.org.br ou pelos contatos da FAESC: (48) 3331-9700 e contato@faesc.com.br.

AUMENTO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO ELEVA PREÇO DOS ALIMENTOS

O País vive um período de deflação (queda geral de preços), mas o aumento dos custos de produção vem impulsionando para cima o preço dos alimentos. A culpa não é dos produtores rurais, mas dos insumos usados na produção de alimentos de origem vegetal e animal, mostra o vice-presidente da FAESC, Enori Barbieri.

A deflação geral da economia foi apurada pelo IBGE no levantamento do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15) que recuou 0,01% em abril, após avançar 0,02% em março. No setor de alimentos, a inflação também foi apurada pelo IBGE no índice “alimentação e bebidas” que subiu 2,46% em abril, ante 0,35% em março e exerceu o maior impacto sobre o IPCA-15. A alta é decorrência da corrida das famílias aos supermercados para formar estoques e enfrentar o isolamento.

Os itens de alimentação no domicílio (adquiridos em supermercados) subiram 3,14%. Mesmo com muitos estabelecimentos fechados, a alimentação fora de casa também acelerou, de 0,03% em março para 0,94% em abril, influenciada pela alta do lanche (3,23%): o delivery ganhou maior participação.

Barbieri explicou a origem da elevação de preços dos principais produtos. O aumento no valor do feijão se deve à seca e a redução da área plantada, mas a terceira safra anual será colhida em breve e os preços devem se normalizar.

Ainda muito impactante na composição da inflação, o arroz subiu porque o Brasil colheu uma safra pequena de 10,5 milhões de toneladas, enquanto o normal seria 12 milhões de toneladas. Os rizicultores estavam há cinco anos com prejuízos e, agora, terão algum lucro. Os preços devem se manter elevados até a próxima safra, em 2021. Santa Catarina colheu 1 milhão de toneladas e, o Rio Grande do Sul, 8 milhões de toneladas.

O segmento do leite amargava há quatro anos praticamente com o mesmo preço. Os produtores estavam muito mal remunerados e a oferta andava maior que consumo desde o ano passado. A seca em novembro e dezembro mudou o cenário de oferta e procura.



“Com a estiagem, a qualidade das pastagens cai e a produtividade das vacas também. Utilizar ração industrial na nutrição dos animais não é possível, porque se torna um custo que não pode ser coberto pela remuneração do criador. Metade da produção brasileira está concentrada no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os estados mais castigados pela seca”, detalha Barbieri.

Por outro lado, grandes laticínios estão transformando o leite fluido em leite em pó para exportação, visando aproveitar a excelente condição cambial para venda no exterior (dólar em alta).

Tudo isso criou escassez no mercado interno. “O preço do leite precisa mesmo subir para compensar o produtor rural que está há quatro anos sem reajuste e ameaça abandonar a atividade. Precisamos de um reenquadramento de custo de produção, porque os preços precisam subir mais ainda,” expõe o dirigente.

Produto essencial na produção de proteína animal, o milho está fortemente influenciado pelo câmbio e os negócios acompanham a cotação da Bolsa de Chicago. No ano passado, o Brasil colheu a maior safra da história, com 101 milhões de toneladas, mas exportou 44 milhões de toneladas. Como consome 70 milhões, precisa importar.

Estão sendo importados 3 milhões de toneladas enquanto se aguarda a safrinha, que deve render entre 77 milhões e 80 milhões de toneladas. O problema é que parcela de 77% dessa produção já está vendida para o exterior. Assim, as agroindústrias de aves e suínos terão um fim de ano apertado no que tange ao fornecimento de milho para nutrição animal.

A soja, outro insumo básico para a cadeia produtiva, “tem preço que aumenta todo dia” influenciado pelas cotações internacionais. É uma situação semelhante ao milho: País vai colher 120 milhões de toneladas e mais de 70% já está sob contrato de venda para o exterior. A cotação em dólar mantém preço alto.

A base da alimentação animal é constituída por 70% milho e 30% farelo de soja, influenciados por preços internacionais. O dólar valorizado também impacta nos fertilizantes e em 70% dos outros insumos importados, fazendo subir o custo das lavouras e, por consequência, dos grãos, hortigranjeiros, frutas, carnes, leite etc.

As previsões para os insumos importados – para os próximos meses – são de preços em alta. O dólar ficará no patamar dos R\$ 5, a saca de milho não baixará de R\$ 50 para a agroindústria e a saca de soja estacionará em torno de R\$ 100.

Enori Barbieri assinala que o produtor rural não tem controle sobre esses fatores que aumentam o preço final dos alimentos para o consumidor.



Produtores estão trabalhando com preços defasados há cinco safras

FUMICULTORES PERDEM RENTABILIDADE NO SUL DO PAÍS

Os produtores de tabaco de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul estão encerrando a safra 2019/2020 com números nada animadores para a rentabilidade do setor. A média de venda da maioria dos fumicultores está abaixo do custo de produção, repetindo o resultado da safra anterior e retraindo o desempenho dos produtores que há cinco anos trabalham com defasagem na tabela de preços.

A análise é do vice-presidente regional da FAESC e presidente do Sindicato Rural de Irineópolis/SC, Francisco Eraldo Konkol. O dirigente é membro da Comissão para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração do Tabaco (CADEC), criada para acompanhar a legislação, coordenar as negociações e fazer o levantamento de custo de produção da cadeia no sul do País. Konkol afirma que os baixos preços pagos aos produtores derivam do descumprimento da Lei da Integração (13.288/2016) pelas

empresas fumageiras.

“A Lei prevê que o preço do tabaco deve sempre resultar de acordo entre produtores de fumo e as indústrias fumageiras, algo que beneficiaria todo o sistema. Porém, não é o que está acontecendo. Nesta safra nenhuma empresa concordou em repor o custo de produção na tabela de preços do tabaco, com variações de percentuais de 5,5% a 9,4%. Solicitamos ainda 2% acima do custo como reposição de perdas anteriores, porém não conseguimos chegar a um acordo. As empresas reajustaram por conta própria, sem repor perdas”, relata Konkol ao destacar que o sistema sindical abrange 12 indústrias.

Os custos de produção para esta safra, segundo levantamento da CADEC, variam de R\$ 8,19 a R\$ 9,38 por kg, com produção média entre 2.352 e 2.703 kg por hectare. “Os produtores estão comercializando bem abaixo do custo de produção e a cadeia vem pedindo reposição de valores há

pelo menos cinco safras. Além de as empresas não cumprirem a Lei para estabelecer preços, a estiagem também prejudicou os fumicultores e reduziu a produção nas últimas duas safras”, sublinha.

O presidente explica que a Lei da Integração também estabelece a compilação de informações da cadeia produtiva que serve de parâmetro na hora de estipular preços para o setor. O artigo 9º prevê o preenchimento de dados pelos produtores no Documento de Informação Pré-Contratual (DIPC). Nele constam dados de produção, riscos da atividade e remuneração média das duas últimas safras. Esses números são avaliados anualmente pela CADEC para validar a remuneração média dos produtores. “Os reajustes indicados têm base técnica e estão amparados na viabilidade econômica apresentada pela atividade”, ressalta ao informar que 60% dos custos de produção se referem à mão de obra.

AGRAVANTES

Konkol destaca que o sistema de produção de tabaco em todo o País ocorre por meio de integração, uma relação contratual em que o fumicultor se responsabiliza por parte do processo produtivo e a agroindústria oferece insumos e assistência técnica para a transformação do produto final. Além do desacordo apontado nos preços, o dirigente afirma haver outros agravantes na relação estabelecida em lei.

“Empresas estão desligando produtores sem aviso prévio exigido de uma safra, deixando os produtores que têm compromissos financeiros futuros à deriva. Também, estão confundindo os fumicultores sobre a forma correta de classificar o tabaco, usando critérios que só interessam às empresas”, relata.

Em reunião com a empresa Souza e Cruz, a CADEC questionou os diretores sobre os desligamentos e foi informada que a empresa está readequando a produção e remanejando os produtores. “A explicação deles é a de que estão cortando os produtores que não seguem as orientações técnicas da empresa e que apresentam redução na qualidade do tabaco. Como estão com estoque alto de produto, precisam fazer cortes”, informa Konkol.

Em busca de melhor renda, os produtores acabam aumentando a área de cultivo, porém sem o retorno esperado. “O produtor acaba se iludindo que se aumentar a área plantada aumentará sua renda, e isto provoca o contrário, pois aumenta seu custo de mão de obra, na maioria das vezes a estrutura de cura não vence, o que diminui a qualidade. Este volume a mais ofertado no mercado deixa as empresas tranquilas para absorver e, o pior, o preço cai”.

O dirigente sublinha que a meta da Comissão para a próxima safra é mudar o regimento interno do Fórum Nacional da Cadeia Produtiva do Tabaco (Fonia-gro) para obrigar as empresas a cumprirem a Lei da Integração. “Queremos que o custo da produção e os preços pagos sejam estabelecidos em conjunto entre produtores e empresas. Os fumicultores não podem mais trabalhar com prejuízos”.



Produtores pedem reposição de valores na tabela de preços



Vice-presidente regional da Faesc, Francisco Eraldo Konkol, cobra cumprimento da Lei da Integração pelas empresas

PRODUÇÃO E MERCADO

O Sul do Brasil concentra 98% da produção de tabaco do País e exporta 80% do total produzido. Em Santa Catarina, o fumo é uma das atividades mais importantes em número de pessoas empregadas na área rural: cerca de 60 mil propriedades dedicam-se a ela. No País, o tabaco movimenta mais de R\$ 6 bilhões ao ano.



LEILÃO EM SÃO MIGUEL DO OESTE ATINGE MELHORES MÉDIAS DE PREÇOS DO ESTADO

O Sindicato dos Produtores Rurais de São Miguel do Oeste, a Associação de Criadores de Bovinos do Extremo Oeste de Santa Catarina (ACBEOSC) e o Sistema FAESC/SENAR-SC organizaram no dia 16 de maio o primeiro Leilão Virtual Seleção de Qualidade em São Miguel do Oeste. O evento comercializou 447 terneiros, terneiras e novilhas de 17 produtores da região assistidos pelo Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) na pecuária de corte do SENAR. A qualidade do rebanho apresentada pelo programa garantiu as melhores médias de preços dos leilões até o momento no Estado: R\$ 8,35 ao quilo do macho (segunda maior) e R\$ 8,66 da fêmea (preço recorde).

Para o vice-presidente de finanças da FAESC, Antônio Marcos Pagani

de Souza, que coordena o programa ATeG de pecuária de corte no Estado, o resultado do leilão em São Miguel do Oeste reforça o ganho de produtividade trazido pela assistência técnica. Segundo ele, o grupo de produtores local, além de receber as ações de capacitação e melhorias de manejo promovidas pelo programa, foi contemplado com aproximadamente 4.800 matrizes inseminadas nas últimas três temporadas reprodutivas, por meio de Protocolos de Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF), fator decisivo no incremento da qualidade racial dos rebanhos.

“Os animais também receberam brincos de certificação, fator que possibilita ao comprador ter a certeza da sua origem e qualidade. Com esse conjunto de ações que abran-

gem como um todo o setor produtivo pecuário do Estado, o resultado não poderia ser outro: valor agregado no terneiro e, conseqüentemente, um novilho de extrema qualidade para o mercado consumidor cada vez mais exigente”, enalteceu Pagani.

O presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC, José Zeferino Pedrozo, ressaltou o empenho e a dedicação dos produtores para melhorar os índices regionais na pecuária de corte. “Agradecemos a confiança das lideranças do extremo oeste no nosso programa de assistência técnica e reconhecemos o trabalho dos produtores da região no melhoramento genético e no aumento da produtividade de seus rebanhos. O leilão foi o momento de colher os frutos deste projeto bem desenvolvido”.

SEGUNDA EDIÇÃO DO BOVICORTE TEM LIQUIDEZ TOTAL EM CHAPECÓ

O Sindicato Rural de Chapecó, com apoio técnico e financeiro do Sistema FAESC/SENAR-SC, promoveu no dia 16 de maio a segunda edição do Bovicorte, o primeiro Leilão de Gado Geral do ano no município. O evento foi realizado no Parque de Exposições Tancredo Neves, na Efapi, e atendeu as regras estabelecidas pela portaria 288 do Governo do Estado para combate e prevenção ao novo coronavírus.

Com a presença apenas de compradores e produtores autorizados pela empresa leiloeira, o Bovicorte teve liquidez total e comercializou 413 novilhos e novilhas das raças Charolês, Aberdeen-Angus, Simental e Zebuínas. Os animais de alta qualidade e desempenho reprodutivo – muitos produzidos através do Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do SENAR na pecuária de corte – foram criados por 12 produtores da região de abrangência do Sindicato e mantiveram a média de preços praticada nos demais leilões do Estado no período. A fêmea ficou em R\$ 7,04 ao quilo e o macho em R\$ 7,40.

De acordo com o presidente do Sindicato Rural do município e vice-presidente regional da FAESC, Ricardo Lunardi, os valores praticados, apesar de seguirem média semelhante à registrada em outras regiões do Estado, acompanham queda no preço do boi em todo o País no período. “Melhoramos o preço do ano passado, mas tivemos uma pequena queda que segue tendência nacional neste período de retração, porém nada fora da curva”, observa Lunardi.

Segundo o presidente, a qualidade dos animais foi o destaque do leilão.



Leilão comercializou 413 novilhos e novilhas das raças Charolês, Aberdeen-Angus, Simental e Zebuínas

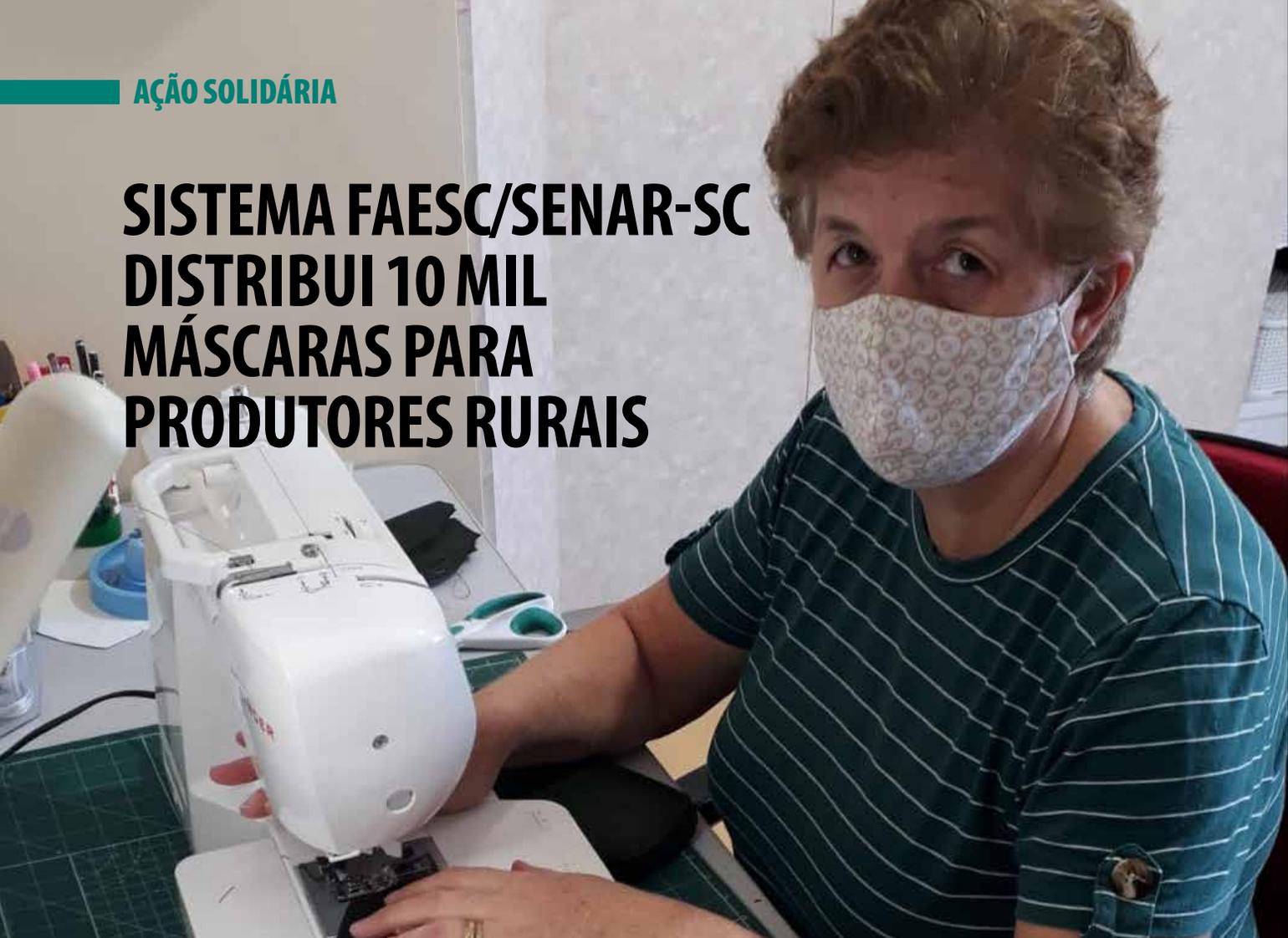


“Houve uma evolução muito grande do rebanho. Não tem nem comparação com os animais que eram comercializados há 10 anos. Isso mostra a importância do programa ATeG para melhorar a produtividade na região. É um fato que também traz compradores cada vez mais exigentes para os nossos leilões”, destaca.

Neste ano, adaptado devido à pandemia, o Bovicorte teve a presença de 52 pessoas, 13 delas com-

pradores. O número obedece a determinação da portaria estadual que permite ocupação de apenas 30% da capacidade do recinto. De acordo com Lunardi, o Sindicato já está na organização do leilão da primavera, a Boviexpo, que acontecerá em outubro ou novembro. “Esperamos que até lá tenhamos superado a crise sanitária e possamos promover o evento completo, com leilão, feira e exposição”, projeta.

SISTEMA FAESC/SENAR-SC DISTRIBUIU 10 MIL MÁSCARAS PARA PRODUTORES RURAIS



O Sistema FAESC/SENAR em Santa Catarina distribuiu gratuitamente 10 mil máscaras de proteção confeccionadas em tecido 100% algodão para produtores rurais e seus familiares de todo o Estado. A ação visa apoiar medidas de prevenção à Covid-19, causada pelo novo coronavírus.

Os acessórios de proteção foram confeccionados por 10 instrutoras dos cursos de Artesanato de Costura em Tecido vinculadas ao programa de Promoção Social do SENAR/SC, com tecido adquirido pela FAESC. Elas coordenaram a produção artesanal em suas residências, de cinco regiões do Estado: meio oeste, planalto serrano, sul, oeste e norte. As máscaras seguem o modelo anatômico, com tecido duplo lavável e



“A ação beneficiou quem está no campo e, ao mesmo tempo, auxiliou financeiramente nossas prestadoras de serviço.”

Gilmar Zanluchi, superintendente do SENAR/SC

reutilizável.

De acordo com o superintendente do SENAR/SC, Gilmar Antônio Zanluchi, a ação teve o apoio dos Sindicatos dos Produtores Rurais vinculados ao Sistema, que fizeram a distribuição ao público rural em todo o Estado. “Aproveitamos a nossa expertise na área de promoção social e formação profissional para produzirmos máscaras e doarmos às famílias de produtores e trabalhadores rurais catarinenses. A ação beneficiou quem está no campo e encontrava dificuldades para conseguir as máscaras de proteção e, ao mesmo tempo, auxiliou financeiramente nossas prestadoras de serviço de instrutoria que também estão sofrendo os impactos da crise”, destaca Zanluchi.



Para o presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC, José Zeferino Pedrozo, a iniciativa fomentou a geração de renda e garantiu mais proteção no campo contra o vírus. “A ação foi um ato de afeto, de saúde e de segurança tanto para as profissionais que trabalham para o nosso Sistema quanto para às famílias rurais que são a base das cadeias produtivas do Estado. A pandemia atingiu a todos, por isso toda e qualquer ação neste momento faz uma grande diferença”, sublinha.



“A pandemia atingiu a todos, por isso toda e qualquer ação neste momento faz uma grande diferença.”

José Zeferino Pedrozo, presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC





Produção de morangos é destaque em Rancho Queimado

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DO SENAR AUXILIA OLERICULTORES EM SC

Os produtores Rodrigo e Vanusa Kertischka cultivam legumes, frutas e hortaliças em quatro hectares no município de Doutor Pedrinho, no Vale do Itajaí. Helmar Bohne Claus produz 2,6 toneladas de morangos em uma área de 1.218,6 m² em Rancho Queimado, na Grande Florianópolis. Joni Ricardo Gonçalves investiu na produção de 50 mil mudas de maracujá para atender a demanda de produtores em Araquari, no norte do Estado.

Eles fazem parte dos grupos de

produtores atendidos pelo programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) em olericultura do SENAR/SC, órgão vinculado à FAESC. O programa, em parceria com os sindicatos rurais de Rancho Queimado, Massaranduba e Rio dos Cedros, atende atualmente 77 propriedades em 14 municípios. Todas as atividades são acompanhadas pelos supervisores regionais do SENAR/SC, Sueli Silveira Rosa, no Sul e Darci Aloisio Wollmann no Vale do Itajaí. O objetivo é

supervisionar a produção dos olericultores, auxiliar no trabalho de campo e orientar no gerenciamento da atividade e na gestão dos negócios.

Neste período de pandemia e de estiagem em Santa Catarina, a ATeG tem auxiliado os agricultores na redução de custos, na otimização da atividade e na tomada de decisões para melhorar a produtividade. O setor foi um dos mais impactados pelas crises hídrica e sanitária e já soma 50% de perdas em algumas regiões do Estado.

Segundo a coordenadora estadual do programa, Paula Araújo Dias Coimbra Nunes, a assistência dá suporte e direcionamento técnico aos produtores na gestão das propriedades. “Na olericultura - um ramo da horticultura - por ser uma atividade dinâmica, com vários cultivos conduzidos em um mesmo local, que exigem prazos curtos e decisões rápidas, o auxílio técnico

é importante e faz toda a diferença. O trabalho do programa é repassar novas técnicas, formas de controle de pragas e doenças, além de alternativas viáveis de acordo com as características e o porte de cada produtor”, grifa Paula.

Para os produtores, a assistência tem gerado resultados. “A proposta do programa em auxiliar na organização e gestão para nós foi um divisor de águas

porque a gente era acostumado a pegar na enxada e trabalhar, sem perceber a importância de analisar os números da produção. A presença e o convívio com os técnicos são muito importantes”, destaca a produtora Vanusa Kertischka. “Nós melhoramos muito a produção e a gestão da propriedade com a assistência técnica”, acrescenta Helmar Claus.

MERCADO

O presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC, José Zeferino Pedrozo, destaca que a produção de frutas, legumes e hortaliças é relevante em Santa Catarina. O Estado é o maior produtor de cebola do Brasil e um dos maiores produtores nacionais de maracujá e morango. Quando o assunto é cultivo orgânico, os dados também impactam. Segundo o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos, os catarinenses ocupam a quarta colocação no País - são mais de 7% dos produtores registrados. Dos 1.251 agricultores certificados no Estado, 70% produzem hortaliças.

“Só na produção de cebola, são 18 mil hectares cultivados por mais de 8 mil agricultores e uma colheita anual de cerca de 500 mil toneladas. A cultura movimenta cerca de R\$ 370 milhões por ano no Estado. São números importantes que mostram a força dos nossos produtores e a relevância da assistência técnica na produtividade”.

O auxílio dos técnicos, essencial em campo, também é enaltecido pelo superintendente do SENAR/SC, Gilmar Zanluchi. Ele cita que apesar do período de dificuldades na produção, os olericultores não deixaram de ter resultados. “A ATeG se torna ferramenta fundamental neste processo por capacitar os produtores para o gerenciamento das atividades. Esse olhar técnico faz toda diferença no momento de crise”, ressalta.



Produção de hortaliças folhosas é forte no Vale do Itajaí



Produtores do norte catarinense investem no cultivo de maracujá

COMO FUNCIONA A ASSISTÊNCIA

Os técnicos em olericultura da ATeG Jaqueline Carvalho, Bruna Franciny Kamers e Marcos Stürmer detalham que a assistência técnica e gerencial nas propriedades acompanha os produtores em todas as etapas, desde atividades de campo até processos gerenciais. Durante dois anos, os técnicos fazem visitas mensais aos produtores e controlam de perto a evolução da atividade. O trabalho tem transformado o cultivo de hortaliças através de orientações sobre controle de pragas e doenças, adubação, análise do solo, sistemas de irrigação e gestão de negócios. Neste período de pandemia e estiagem, as assistências estão sendo virtuais e focadas na redução de custos de produção, já que a atividade foi fortemente impactada. A falta de chuva causou prejuízos na colheita e a crise sanitá-

ria freou a comercialização.

Jaqueline atende 25 olericultores de sete municípios na região do Vale do Itajaí. Os principais cultivos de hortaliças são pepino japonês, repolho, cenoura e alface nas produções orgânica, hidropônica e convencional. Na região, os produtores encontraram alternativas para driblar a estiagem e a queda nas vendas ocasionada pela pandemia. Uma delas foi a entrega de hortaliças orgânicas à domicílio. Com ajuda da técnica, eles criaram grupos no WhatsApp com clientes fixos e garantem a comercialização de porta em porta. “Foi uma solução eficaz para dar vazão aos produtos que estavam com pouca saída devido à paralisação das feiras”, destaca Jaqueline. Além desta alternativa, a comercialização de hortaliças abastece o Ceasa, restaurantes, padarias, mercados e supermerca-

dos regionais.

Outras medidas orientadas pelo programa são a redução de custos no período e a adequação do sistema de irrigação para cada cultura. “Os produtores estão tendo que buscar soluções para otimizar o uso da água nas prioridades. Uma delas é a implantação do sistema de irrigação por gotejo (diretamente na raiz), mais adequado para as plantas por economizar água devido à melhor absorção”, explica Jaqueline ao ressaltar que a seca também favorece o surgimento de pragas e requer mudanças na adubação.

“Apesar dos desafios do período, os produtores estão conseguindo atender à demanda regional e organizando as propriedades. Começamos a turma em setembro do ano passado e os avanços são visíveis especialmente no gerenciamento”, destaca a técnica.



ESTIAGEM E PANDEMIA

O técnico Marcos Stürmer, que atende 22 produtores de seis municípios do norte do Estado, destaca que a estiagem dos últimos 60 dias já reduziu 15% da produção de hortaliças e frutíferas na região, que é conhecida pelos altos índices de chuva. No norte, a média de precipitação anual é de 2.500mm, porém de fevereiro a maio, choveu apenas 20mm. “Isso quebrou a produção, especialmente das hortaliças hidropônicas, do repolho e do maracujá. Serão necessários quatro meses para reverter a situação, com o retorno da chuva”, projeta Marcos.

A pandemia também provocou queda de 50% nas vendas. Segundo o técnico, 2,5 toneladas de hortaliças que seriam descartadas por falta de comercialização foram doadas para o programa Mesa Brasil, do Sesc, que atende ações assistenciais. “Por ser uma região industrial, os produtores abasteciam muitos restaurantes e cozinhas industriais, o que não foi mais possível diante do

fechamento dos estabelecimentos na pandemia. A comercialização caiu pela metade”, relata.

A região atendida pela ATeG olericultura produz mil toneladas de alimentos, movimentando R\$ 2 milhões por ano. As principais culturas são palmeira real e pupunha, hortaliças folhosas (alface, rúcula, salsinha, cebolinha, couve, repolho e brócolis), microvegetais, arroz, banana, maracujá e morango. Toda a produção abastece o mercado regional, agroindústrias de conservas (palmeira real e pupunha), cooperativas (arroz), além de centrais de abastecimento de Curitiba (maracujá), São Paulo e Rio de Janeiro (banana). Se não fosse a estiagem e a pandemia, os produtores da ATeG teriam muito a comemorar. Em 21 meses do programa, eles tiveram acréscimo de 17% na produção. “Neste ano atípico, o cultivo está parado e os desafios dos produtores é estabilizar a produção e reduzir custos”, observa Marcos.



MORANGO

Em Rancho Queimado, Capital Estadual do Morango, a ATeG atende 25 produtores do fruto pelos sistemas convencional (8) e de canteiros suspensos (17). O município tem 150 produtores, conta com 1 milhão de pés plantados (267.350 do ATeG) e produz entre 1.200 a 1.500 toneladas de morangos por ano. De acordo com a técnica em olericultura, Bruna Kamers, as mudas das plantas, cuja variedade mais produzida é a San Andreas, vêm de viveiros do Chile, Argentina e Espanha, com manejos e produtividades diferentes. O pico da safra acontece entre novembro e fevereiro, mas técnicas

permitem a colheita durante o ano inteiro. Os produtores também estão tendo que investir na captação de água e nos sistemas de irrigação para compensar a estiagem.

Com assistência técnica e gerencial desde setembro do ano passado, os produtores estão investindo em manejos preventivos para combater pragas e doenças, melhorando a adubação e o gerenciamento das propriedades. O aumento no custo dos insumos tem preocupado os agricultores. “Em 2019, eles compravam as mudas nas agropecuárias no valor entre R\$ 0,92 e R\$ 1,00, no começo deste ano, antes da crise sanitária, já estava em R\$

1,09 e agora a R\$ 1,25. Esse aumento não acompanha o preço do morango no mercado, que permanece estagnado, variando entre R\$ 4,50 e R\$ 8”, detalha Bruna.

A técnica afirma que o programa já aponta resultados, especialmente na organização da produção e na gestão das propriedades. “Temos um produtor do sistema de cultivo suspenso que iniciou sua primeira colheita com 20 kg e hoje está em 2.600 kg de morango. Outro, do sistema convencional, passou de 90 para 529 kg. É um ganho de produtividade que atesta a evolução dos agricultores atendidos”, sublinha Bruna.

REDE E-TEC INICIA AULAS VIRTUAIS EM TODO O ESTADO

A rede de formação técnica e-Tec do SENAR/SC, órgão vinculado à FAESC, iniciou em maio aulas 100% online para as turmas do curso Técnico em Agronegócio nos 12 polos de ensino no Estado. A opção pelo formato totalmente digital é uma alternativa momentânea para manter o andamento das aulas durante a pandemia do novo coronavírus.

De acordo com a coordenadora do curso do SENAR/SC, Kátia Zanela, os 387 alunos das 12 turmas estão recebendo conteúdo digital, acessando vídeoaulas e contando com apoio técnico dos tutores pelos aplicativos Microsoft Teams e WhatsApp. O curso de dois anos, que segue modalidade à distância, já prevê 80% das aulas online e 20% presencial, e ampliou o ensino virtual neste período de quarentena no Estado.

“Os alunos estão tendo aulas online

em todas as disciplinas. Além da parte que já cumprem no ambiente virtual de aprendizagem, também estão tendo assistência remota pelos tutores, algo que até então era somente presencial. Para quem não consegue acompanhar ao vivo, as aulas também ficam gravadas. É uma iniciativa encontrada pelo SENAR no Estado para não prejudicar a aprendizagem no período”, explica Kátia.

A secretária do polo de Fraiburgo, Gisele Luize Kramer, afirma que a medida agradou instrutores e alunos no meio oeste. “É prudente esse reforço para que os alunos não sejam prejudicados pela pandemia. A aceitação foi excelente, todos gostaram muito da didática usada, da interação com os professores e do material usado. Ficaram entusiasmados”, conta.

Larissa Mazzola faz parte da turma

de 30 alunos do polo no município e diz que a metodologia de ensino está sendo fundamental e diferenciada na aprendizagem. Ela trabalha durante o dia e estuda à noite, utilizando os dois aplicativos. “As aulas online são extremamente necessárias neste momento para esclarecer o conteúdo do curso e para que se possa dar continuidade a ele. É um momento de muitas adaptações para alunos e professores e estamos aprendendo juntos”.

Em Seara, no oeste, o novo formato também foi bem aceito. “Os alunos ainda estão se adaptando à plataforma, mas acharam muito válida. Os professores estão sendo bem prestativos, orientando os alunos e se colocando à disposição para usar a ferramenta como um auxílio na educação”, destaca a secretária do polo, Edisséia Sordi.



Professores comandam aulas e assistência remota pela internet

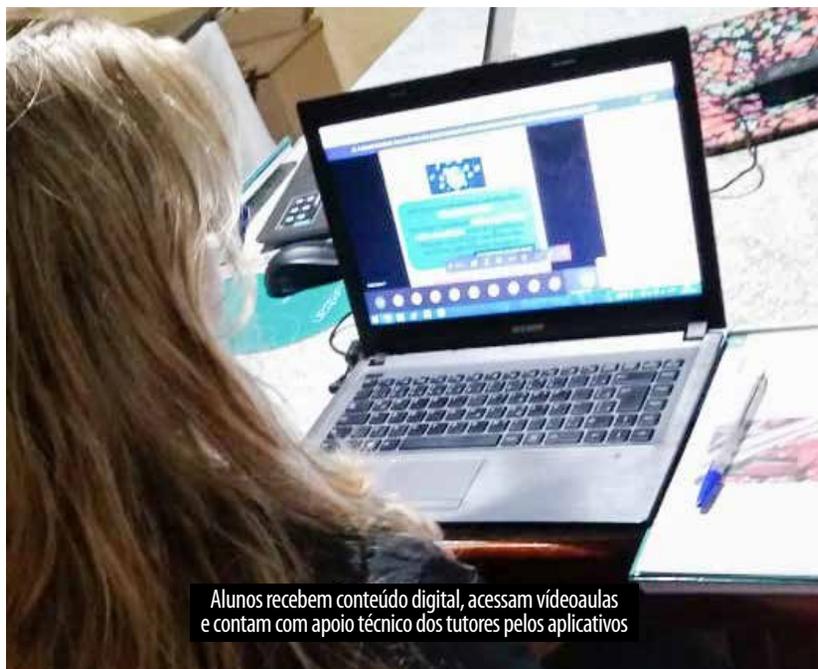
SOBRE O CURSO

O curso Técnico em Agronegócio do SENAR/SC qualifica produtores rurais para atuarem na administração das propriedades. São dois anos de aulas presenciais e à distância, 1.230 horas de aprendizagem sobre economia rural, marketing, gestão, empreendedorismo, finanças e responsabilidade social e ambiental no agronegócio.

De acordo com o superintendente do SENAR/SC, Gilmar Zanluchi, a disponibilidade de aulas 100% online atende o objetivo da rede e-Tec de levar qualificação profissional ao campo. “Este é um curso que já conta com a maior parte das aulas virtuais e que tem conseguido levar tecnologia, inovação, aprendizagem e profissionalização aos produtores rurais catarinenses. Temos muito orgulho de dizer que já formamos mais de 550 técnicos em agronegócio em todo o Estado desde 2015”, ressalta.

Para o presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC, José Zeferino Pedrozo, a manutenção das aulas neste período de quarentena é essencial para a formação profissional rural. Ele destaca que o curso fortalece os produtores e aumenta a competitividade no campo.

“Há alguns anos tomamos a iniciativa de trazer esse curso para Santa Catarina, em 12 polos espalhados estrategicamente em diversas regiões do Estado, para possibilitar maior qualificação e aperfeiçoamento dos nossos produtores e trabalhadores rurais. Essa capacitação está fazendo a diferença na vida das famílias e transformando as propriedades”, sublinha Pedrozo.



Alunos recebem conteúdo digital, acessam vídeoaulas e contam com apoio técnico dos tutores pelos aplicativos

FACULDADE CNA ABRE PROCESSO SELETIVO PARA GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

A Faculdade CNA iniciou no dia 1º de junho as inscrições para o processo seletivo do segundo semestre de 2020, com ofertas de vagas nas áreas de gestão com foco no agronegócio.

Os interessados em se capacitar nesse setor podem se candidatar para os cursos de graduação em Gestão do Agronegócio (3 anos), Gestão Ambiental (2 anos), Gestão de Recursos Humanos (2 anos) e Gestão de Processos Gerenciais (2 anos).

Existem três formas de ingressar na Faculdade CNA: quem já possui um curso superior participará da seleção por meio de análise documental. Para os demais, é possível ingressar por meio do boletim de Desempenho do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) – com nota igual ou superior a

250 pontos em um dos exames a partir de 2017 ou ainda pelo vestibular online por meio de prova de Redação.

Embora os cursos de graduação sejam a distância, no momento da inscrição os candidatos devem escolher um dos 11 polos da Faculdade CNA. Em Santa Catarina, o polo de ensino fica em São Joaquim, na região serrana. Os demais estão localizados nos municípios de Gandu e Luís Eduardo Magalhães (BA), Fortaleza (CE), Rio Bananal (ES), Cuiabá (MT), Santa Isabel do Pará (PA), Campina Grande e João Pessoa (PB), Palmas (TO) e Brasília (DF).

O presidente do Sistema FAESC/SENAR-SC e vice-presidente de finanças da CNA, José Zeferino Pedrozo, destaca que a graduação a

distância focada em gestão auxilia produtores rurais e empreendedores no aumento de competitividade e na sustentabilidade dos estabelecimentos. “Os cursos fomentam a formação de gestores que possam contribuir no plantio e manejo, além da comercialização dos produtos. São técnicas que ensinam desde o diagnóstico das propriedades até o desenvolvimento das potencialidades do empreendimento, promovendo a qualidade e o crescimento da produção”, sublinha.

A mensalidade dos quatro cursos custa R\$ 179. As inscrições seguem até 25 de julho. Para outras informações e inscrições, acesse: www.faculdadecna.com.br. Para contato com o polo em São Joaquim, ligue: (49) 3233-0260.

SAIBA MAIS SOBRE OS CURSOS

GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

O curso será desenvolvido em seis semestres, totalizando 2.500 horas. Entre as disciplinas que serão ministradas estão: introdução à gestão do agronegócio; fundamentos de logística e transporte, gestão estratégica de pessoas; estudos culturais e antropológicos; cadeias produtivas do agronegócio; responsabilidade social e meio ambiente; planejamento estratégico e políticas públicas para o agronegócio; tecnologia e inovação; assistência técnica e extensão rural; e planejamento e gestão de projetos. O curso também dispõe de disciplinas optativas como Língua Brasileira de Sinais (Libras) e tópicos especiais.

GESTÃO AMBIENTAL

A matriz curricular será aplicada em 1.700 horas no período de quatro semestres. Entre os assuntos abordados estão: planejamento ambiental; marketing no agronegócio; geoprocessamento; direito e legislação ambiental; avaliação de impactos ambientais; gestão de recursos naturais; recuperação de áreas degradadas; química ambiental; geologia; microbiologia ambiental; e gestão empresarial no agronegócio. As disciplinas optativas são: Língua Brasileira de Sinais (Libras), agricultura climaticamente inteligente e sustentabilidade.

PROCESSOS GERENCIAIS

No curso estão previstas disciplinas como: comportamento organizacional; modelos de gestão; contabilidade; administração de conflitos e técnicas de negociação, gestão de produção e de custos; instrumentos de mercado para o agronegócio; formação de preço e comercialização; gestão de qualidade e produtividade; e responsabilidade social e meio ambiente. Os alunos também podem optar por Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou empreendedorismo. A capacitação será realizada em 1.700 horas durante quatro semestres.

RECURSOS HUMANOS

A qualificação será realizada em quatro semestres, totalizando 1.700 horas. A grade curricular contempla assuntos como administração de conflitos e técnicas de negociação; direito do trabalho e legislação social; recrutamento e seleção; segurança do trabalho e saúde ocupacional; administração de cargos, salários e benefícios; avaliação de desempenho; sistemas de informações gerenciais; fundamentos da economia; modelos de gestão; e disciplinas optativas (Língua Brasileira de Sinais - Libras e empreendedorismo).

AGRO +



MERCOAGRO 2020

A Feira Internacional de Negócios, Processamento e Industrialização da Carne (MERCOAGRO), foi transferida de setembro para novembro deste ano em razão da pandemia do novo coronavírus. A 13ª edição da MERCOAGRO, maior exposição-feira do setor na América Latina, está agora programada para o período de 17 a 20 de novembro de 2020, de terça a sexta-feira, no Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves, na cidade de Chapecó (SC). A Feira dispensará especial atenção no ingresso dos visitantes, agilizando o credenciamento prévio e in loco, e disciplinará a circulação dentro dos pavilhões e o acesso aos stands dos expositores no sentido da obediência às normas de distanciamento social.

PROJEÇÃO VBP 2020

O Valor Bruto da Produção (VBP) deve alcançar R\$ 728 bilhões em 2020, crescimento de 11,8% em relação ao ano passado, segundo estimativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Para a agricultura, a expectativa é de aumento de 14,1%, chegando a R\$ 457,1 bilhões. Os principais destaques são o café arábica (54,5%), seguido do milho (32,9%) e da soja (13%). Já o VBP pecuário deve crescer 8,3%, com receita de R\$ 271,6 bilhões. Segundo a CNA, carne suína (14,8%), ovos (24,2%) e carne bovina (19,5%) apresentaram expectativa de crescimento tanto de preços como de quantidade produzida em 2020, se comparados a 2019. Em contrapartida, o faturamento bruto do setor “dentro da porteira” das atividades de frango e de leite deve apresentar queda de 6% e 8,8%, respectivamente. Apesar das altas, ainda que modestas de 2% e 1% esperadas na produção das duas atividades, deve haver redução dos preços de 7,9% na cadeia de frangos e 10,2% na de leite.



Foto: Junior Duarte



TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DE LEITE

Chega ao mercado neste segundo semestre de 2020 o Volutech, equipamento que utiliza sensores para medir com precisão o volume de leite armazenado nos tanques de resfriamento. Desenvolvida pela startup mineira de mesmo nome, situada em Viçosa, a inovação surgiu do Desafio de Startups promovido pela Embrapa Gado de Leite (MG) para incrementar o chamado ‘Leite 4.0’. A tecnologia substitui as régua de medição, instáveis na apuração do volume real do produto, e é capaz de impactar em ganhos econômicos para produtores e laticínios. Com cerca de vinte centímetros de comprimento, o equipamento possui sensores que enviam informações para um servidor remoto com acesso a laticínios e produtores. A ferramenta é instalada na tampa dos tanques de resfriamento e também é capaz de registrar a temperatura do leite em diversos períodos do dia, os momentos em que o tanque foi aberto e se ocorreram picos de energia durante o resfriamento – o que pode fazer com que a temperatura varie, comprometendo a qualidade do produto.



FAESC

Federação da Agricultura
e Pecuária - Santa Catarina

www.faesc.com.br



SENAR

Santa Catarina

www.senar.com.br

Em todos os momentos,
de crises ou de conquistas,
**o agronegócio é
vital para o Brasil.**

**VAMOS
SU
PE
RAR
JUNTOS!**

